

ROCHA PEIXOTO

# **OBRAS**

VOLUME II

MUSEU MUNICIPAL DO PORTO. ENSINO.  
POLÍTICA. ENSAIOS DIVERSOS. ECONOMIA.

Edição da CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE VARZIM  
1972

## A INDÚSTRIA CERÂMICA (\*)

Passam quase vinte anos sobre o certame que, no Palácio de Cristal, maravilhou pelo imprevisto da multiplicidade formal e decorativa, todos os que inesperadamente defrontaram com os artefactos cerâmicos produzidos no país. A exibição dessa assinalada variedade de artigos, tão afortunadamente realizada por um insigne promotor doutras exposições similares, breve denunciara vários assertos já proclamados e assim concretamente definidos: a exuberância de matérias primas, no solo português, para a fabricação em todas as escalas cerâmicas; o seu aproveitamento muito deficiente ainda, mas generalizado, em grau vário, por todo o território; as admiráveis faculdades espontâneas e naturais do oleiro português, compelido, entanto, a manter-se nas formas tradicionalmente legadas; a possibilidade consequente e implícita de conseguirmos, mercê dos dois recursos capitais — barro e modelador — progressos consideráveis e até ainda paralelismos com a produção em vários tipos que a indústria cerâmica alcança em terra alheia.

O relator erudito e entusiasta desta festa do trabalho manual encontra nos produtos populares exibidos um sentimento da forma em alto grau, aptidões tradicionais e pouco ou nada degradadas através dum fabrico milenário, variedade inimitável de formas, magnífica execução em face dos recursos simples de que a olaria rústica dispõe, e por fim um veículo — este da arte ceramista — para a transformação do gosto público, graças à sua multiplicação, ao seu emprego doméstico imprescritível, à sua ligação permanente com a vida íntima da família.

Se é certo, porém, que a fidelidade aos antigos usos e costumes ressuscita dia a dia estes artigos frágeis, e assim o oleiro das aldeias se mantém inamovível depositário de legados remotos, não é menos verdade que, confinado em meios restritos, sequestrado do exame e convivência com os produtos mais avançados da indústria progressiva, expoliado por um comércio descaroadável e exaustivo, não só não envolve

---

(\*) Ensaio publicado na revista *A Indústria Portuguesa*, ano II, n.º 56 (Porto, 28 de Julho de 1900), pp. 265-266; e n.º 58 (Porto, 11 de Agosto de 1900), pp. 280-281.

dentro do quadro que lhe demarca exclusivamente a possível aplicação popular, mas até permanece em estádios tão primitivos, por vezes, que recordam a obra congênere das épocas neolíticas.

O preparo de certas pastas, a roda primitiva, a ornamentação digital, a cocção ao ar livre, o alisado e o polido surgem-nos em muitas olarias rústicas com todos os caracteres dos esforços iniciais, precisamente como muitos despojos exumados das necrópoles e outras estações pré e proto-históricas; e a ponto tal que a crivagem e o doseamento mais ou menos grosseiro das pastas, o emprego do torno vertical, a cozedura em forno de grade, a ornamentação pintada e a vitrificação plumbífera, característicos das loiças grosseiras, acusam acentuados progressos sobre aqueles artefactos.

Portugal exhibiu, como poucos países, uma notabilíssima série de olarias fabricadas por todos os processos mais arcaicos, incluindo os de moldelação à mão e à forma. Seria uma interessante exposição retrospectiva com elementos colhidos hoje, decerto muito elucidante para a etnografia pura mas todavia lastimável sob o ponto de vista económico, não só quanto ao artífice rústico, mas ainda aos interesses nacionais. São belas as formas? Por vezes notavelmente eurítmicas, lindamente decoradas, multiplicadamente várias? Certamente. Mas só o que se herdou, parado e primevo! De sorte que, por um lado, se o respeito inconsciente da tradição origina a posse ainda actual de tipos maravilhosos, por outro e graças a idênticas circunstâncias, mantém técnicas assaz grosseiras que estariam expungidas se outros fossem os desvelos pelas artes populares.

A cerâmica rústica, pelos materiais de que dispõe, pelos usos a que se destina e pelas populações que a reclamam, só pode melhorar adentro de limites que o seu valor intrínseco e a indispensável exiguidade de custo inexoravelmente apertam. Todavia ela pode alcançar progressos e tê-los-ia obtido se outra fora a formação educativa dos oleiros, sobretudo em alguns grandes centros manufactores. E por mais que se afigurem imaginosos todos os devaneios acerca do ensino de desenho e modelação, de dosagens, de vernizes e de cocção, cumpre anotar que, sem a interferência educadora em algumas grandes regiões de fabrico, o facto assinalado de conservação milenária das lindas formas de outrora passará, em breves tempos, ao domínio da lembrança e do registo dos críticos; aqui ainda a viação acelerada e todas as restantes facilidades de comunicações conhecidas, concorrem, não menos aceleradamente, para a obliteração dos esquemas herdados, como nos revelam as imitações frustes que acorrem progressivamente aos mercados.

tão pouco possui capacidade produtora para a realização das loiças que exprimem os melhores avanços das artes figulinas.

O que não sucede, porém, é que ante a prodigalidade do solo corresponda uma acertada apropriação dos seus benefícios. Já fabricamos, certamente, excelentes artigos, sob aspectos restritos; já os fabricávamos, em faiança, por exemplo, no azulejo ainda, no século XVIII. Mas como se está longe, a despeito de esplendores mais ou menos fugazes, da efemeridade dum ou outro triunfo feliz e brilhante, com o se está distante duma indústria ininterruptamente progressiva!

Ao contrário: as intercadências nos primores de fabrico representam-se pelo mesmo algarismo que enumera as diminutas etapas em que a loiça portuguesa avultou em brilho e valores.

Na memória excelente que sugere estas linhas deparam-se ao autor ensejos frequentes de acusar muitas das causas que explicam a subalternidade do nosso fabrico. A primacial reside nomeadamente na ignorância das qualidades da matéria prima e na conseqüente escolha de acaso, sucedendo por tal que, numa mesma circunscção cerâmica, divergem sobremodo as pastas destinadas aos artefactos dum mesmo padrão. Uma experiência nem sempre feliz dita o empirismo da composição das pastas; e é óbvia a subordinação das conseqüências na qualidade do produto e no aspecto em que se exhibe.

Por outro lado a cocção, efectuada em fornos de concepção deplorável sob o duplo ponto de vista da forma de tiragem e de igualização térmica em toda a fornada, deforma, quando não inutiliza, uma considerável percentagem de peças.

E a aduzir ainda ressalta o desastrado emprego de certos esmaltes, não raro sem a solidariedade requerida pela natureza das pastas que tem de cobrir e implicitamente determinando a desagradável impressão que ocasionam as fendas conseqüentes duma imprópria escolha da substância vitrificante.

Por sobre estes factores e outros mais de ordem técnica que com eles enlaçam estreitamente, cumpre acentuar a desolante inferioridade estética do produto cerâmico português. Vem de longe e de cima — desde a servil e indouta imitação holandesa, china e indiana, na boa faiança, que durante dezenas de anos inundou o mercado português, estacionária e rebelde a independência e criações. Más formas, cores abomináveis e desenhos submetidos à estampilha execrável, constituem os atributos da nossa faiança barata, ou seja um testemunho lastimável da pouquidade de faculdades decorativas.

Ora resultando que técnica e artisticamente o atrazo e inferiori-

dade da nossa cerâmica é indefectível, sobretudo em algumas das suas categorias, mas sendo certo, por igual, que nos sobejam matérias primas excelentes, operários adestráveis e, pelo menos, um mercado seguro e permanente em nós mesmos, de que se carece para se alcançarem aperfeiçoamentos comportáveis adentro dos recursos próprios? Naturalmente do ensino que até agora os oleiros não têm buscado nas instituições que gratuitamente lho forneciam, ou seja na parte decorativa e formal ou na tecnológica. O caso de Coimbra, onde uma escola industrial poderia ter ministrado todos os elementos de regeneração a uma indústria paralisada, senão agónica, é para considerar como depoimento de incúria, principalmente funesta para os interessados; generalizado ao Porto e a Lisboa, ele explica o que não carece de subtis cogitações: esta passividade portuguesa que em todas as manifestações do trabalho nacional emerge quase irredutível.

É claro que há sempre uma justificação com a qual se pretende atenuar um mau passo ou uma orientação indevida e precária; a decadência do fabrico, por exemplo, explica-se com a exiguidade do preço de venda. Ora sendo certo que o mercador intermediário obtém um lucro que é uma iniquidade — de 300 a 600 por cento — não se nos afigura um tal facto absolutamente insanável. E o público aceitará loíça mais sólida e mais bela com a remuneração condigna, uma vez que, gradativamente, lhe insinuem, nos seus gostos e hábitos, vasilhame de mais vantajoso fabrico e de melhor aspecto.

Da multiplicidade das argilas que possuímos muitas ainda não foram aproveitadas e, entretanto, algumas importamos de fora! Com as que empregamos trabalha-se frequentíssimamente por palpite e rotina! Cumpre, pois, modificar devidamente as composições das pastas empregadas e generalizar ensaios e estudos àquelas que ainda não entraram em uso; cumpre substituir, modificar ou apropriar vernizes; cumpre mudar de rumo na modelação de muitas formas e na ornamentação decorativa e crómica; cumpre, portanto, aprender.

A memória de Charles Lepierre é, do mesmo passo, um clamor e ensinamento.

Como brado não poderia exhibir-se mais eloquente e sugestivo; como ensino constitui um subsídio inicial de elevado préstimo, máximo passo andado para uma grande obra de regeneração técnica a que o eminente químico aliou imperecivelmente o seu nome. Assim logra a indústria cerâmica nacional os benefícios que através dessa obra transparecem irrecusáveis.